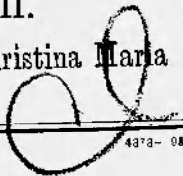


442, 2, 26

Coll.

D. Thereza Christina Maria



4373-08

6162

81.215

A
NOITE DE S. JOÃO



NOITE DE S. JOÃO

COMEDIA LYRICA

EM 2 ACTOS

LETRAS DE

J. DE ALENCAR

MUSICA DE

Elias Álvares Lobo

NATURAL DE ITÚ

PROVINCIA DE S. PAULO



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

1860.



15630 D
1946



15630 D

C. N. 29,3/46

AO ILLM. E EXM. SR:

CONSELHEIRO

JOSÉ DE ALENCAR

Oferece e dedica a V. Ex. seu primeiro trabalho lyrico, em prova de gratidão e sympathia, e pede desculpa, se não soube satisfactoriamente comprehender e traduzir o seu pensamento,

O COMPOSITOR DA MUSICA

Elias Alvares Lobo.

A NOITE DE S. JOÃO

O que ali vai, não sei verdadeiramente o que é: chamei-lhe—comedia lyrica—; outros dirão que não passa de uma collecção de máus versos, sem metrificação, sem harmonia.

Não importa. Se alguns de nossos jovens compositores entenderem que isto merece as honras do theatro, a melodia da musica disfarçará a dissonancia da versificação.

Se me resolvi a publicar este trabalho incorrecto e feito ás pressas, foi unicamente para facilitar a leitura áquelles mesmos que o quizerem aproveitar; não tive outro fim, nem tenho outra aspiração senão dar aos talentos musicaes um pequeno thema para se desenvolverem.

Não espero nada de semelhante publicação; pois ninguem ignora que a poesia lyrica de uma opera fica inteiramente obscurecida pela musica.

Mery com o seu espirito já observou, a proposito

de Rossini, que tanto peor, incorrecto e anti-grammatical era o verso, tanto mais sublime fôra a inspiração do genio.

Na Italia o poeta de operas, ou o fazedor de versos, é um empregado como o contra-regra, o ponto, o pintor de vistas; elle pertence ao machinismo do theatro, com a simples differença que exerce a sua arte sobre palavras, em quanto os outros a exercem sobre o scenario.

A' vista disto, creio que não entrará na cabeça de ninguem pretender uma minima parcella de gloria escrevendo uma opera; isto é, a mais absurda e a mais extravagante das composições dramaticas, a que só a musica com o seu magico poder anima e dá vida.

Ao contrario, fazer uma opera deve ser, e é, para um homem que tenha um pouco de gosto litterario, um sacrificio; sacrificio de tempo, sacrificio de idéa, sacrificio de personalidade; porque nesse genero de drama é muitas vezes preciso que o pensamento do autor se modifique, para subordinar-se á inspiração do professor.

Entretanto, é mister que aquelles, que amam a musica, façam esse sacrificio; outros, segundo me consta, já deram o exemplo: seja-me permittido pois apresentar tambem a minha pequena offrenda no templo das artes.

Agora duas palavras sobre o motivo e a idéa desta composição.

O enredo e o que ha de mais simples e de mais natural n'aquelles tempos de boas crenças, que já lá vão. 1.ª uma lenda muito conhecida sobre a —Noite de S. João.

Em Portugal a flor sibylina era a alcachofra, tão cantada por Garrett e pelos outros poetas portuguezes; mas a crença popular lá e aqui no Brasil dava a mesma virtude a outras plantas, sobretudo ao alecrim, talvez pela facilidade de transplantar-se por galho, o que fazia que a sorte agradasse a todos.

Póde ser que notem alguns muita innocencia e muita ingenuidade no amor que fórma a pequena acção desta opera; mas se reflectirem que a scena se passa em S. Paulo, nos tempos coloniaes, em época de abusos, de prejuizos, de crenças e de tradições profundas, ainda não destruidas pela civilisação, de certo não estranharão como defeito aquillo que só é naturalidade.

Quanto ás regras artisticas deste genero de composição, segui as que me pareceram melhores e muitas vezes a imaginação; entretanto, podem ser modificadas ao gosto do professor que escrever a musica.

Eis o que julgo necessario dizer áquelles a quem dedico esta opera: aos litteratos não me dirijo, porque já adverti que isto não é um trabalho feito com esmero, é uma simples tela em branco que o compositor se incumbirá de colorir.

de Rossini, que tanto peor, incorrecto e anti-grammatical era o verso, tanto mais sublime fôra a inspiração do genio.

Na Italia o poeta de operas, ou o fazedor de versos, é um empregado como o contra-regra, o ponto, o pintor de vistas; elle pertence ao machinismo do theatro, com a simples differença que exerce a sua arte sobre palavras, em quanto os outros a exercem sobre o scenario.

A' vista disto, creio que não entrará na cabeça de ninguem pretender uma minima parcella de gloria escrevendo uma opera; isto é, a mais absurda e a mais extravagante das composições dramaticas, a que só a musica com o seu magico poder anima e dá vida.

Ao contrario, fazer uma opera deve ser, e é, para um homem que tenha um pouco de gosto litterario, um sacrificio; sacrificio de tempo, sacrificio de idéa, sacrificio de personalidade; porque nesse genero de drama é muitas vezes preciso que o pensamento do autor se modifique, para subordinar-se á inspiração do professor.

Entretanto, é mister que aquelles, que amam a musica, façam esse sacrificio; outros, segundo me consta, já deram o exemplo: seja-me permittido pois apresentar tambem a minha pequena offrenda no templo das artes.

Agora duas palavras sôbre o motivo e a idéa desta composição.

O enredo é o que ha de mais simples e de mais natural n'aquelles tempos de boas crenças, que já lá vão. E' uma lenda muito conhecida sobre a —Noite de S. João.

Em Portugal a flor sibylina era a alcachofra, tão cantada por Garrett e pelos outros poetas portuguezes; mas a crença popular lá e aqui no Brasil dava a mesma virtude a outras plantas, sobretudo ao alecrim, talvez pela facilidade de transplantar-se por galho, o que fazia que a sorte agradasse a todos.

Pôde ser que notem alguns muita innocencia e muita ingenuidade no amor que forma a pequena acção desta opera; mas se reflectirem que a scena se passa em S. Paulo, nos tempos coloniaes, em época de abusos, de prejuizos, de crenças e de tradições profundas, ainda não destruidas pela civilisação, de certo não estranharão como defeito aquillo que só é naturalidade.

Quanto ás regras artisticas deste genero de composição, segui as que me pareceram melhores e muitas vezes a imaginação; entretanto, podem ser modificadas ao gosto do professor que escrever a musica.

Eis o que julgo necessario dizer áquelles a quem dedico esta opera: aos litteratos não me dirijo, porque já adverti que isto não é um trabalho feito com esmero, é uma simples tela em branco que o compositor se incumbirá de colorir.

IV.

Finalmente, tendo sido o meu desejo, escrevendo isto, somente o vêr uma opera nacional de assumpto e musica brasileira, cedo de bom grado todos os meus direitos de autor áquelle que a pozer em musica o mais breve possivel.

Rio de Janeiro, 16 de Agosto de 1860.

J. de Alencar.

PERSONAGENS.

ANDRÉ—Tabellião, 59 annos,

CARLOS—Sobrinho de André, 19 annos.

IGNEZ—Filha de André, 16 annos.

JOANNA—Velha cigana, 50 annos.

Coro de rapazes, de moças e de familias, que vão á
festa de S. João na Freguezia do Braz,
e coro de Caipiras.

A scena é em S. Paulo, nos tempos coloniaes.

A NOITE DE S. JOÃO.

Uma rua campestre formada de cercas de espinheiros. No fundo apparecem arvores e um ribeiro. A' direita a casa de André, com um alpendrado na frente e um jardimzito ao lado. A' esquerda, continuação da rua. No centro um tamarineiro á sombra do qual está collocado um banco tosco. Ao longe vê-se o clarão das fogueiras e dos foguetes. São nove horas da noite.

Scena primeira.

FAMILIAS, MOÇOS, MOÇAS, *que vão á festa.*

CORO DE CAPIRAS.

Viva S. João!
Santo folgazão!

CORO DE RAPAZES E MOÇAS.

(Entrando).

Ao clarão das fogueiras,
Meus amigos, brinquemos!
Alegres companheiras,
S. João festejemos.

CORO DE RAPAZES.

Boa sorte, moça gentil,
Boa sorte lhe dê o fado ;
E que se case em abril
Com quem fôr do seu agrado.

CORO DE MOÇAS.

Boa sorte, gentil senhor,
Hoje lhe dê S. João :
Que não veja maio em flôr
Sem ter preso o coração.

CORO DE RAPAZES E MOÇAS.

(Sahindo).

Ao clarão das fogueiras,
Meus amigos, brinquemos !
Alegres companheiras,
S. João festejemos.

Scena II.

IGNEZ.

IGNEZ *(só)*.

Aria.

(Quando o coro vai sahindo, Ignez aparece no alpendre, acompanha-o algum tempo com os olhos; depois desce a escada.

Como alegres vão
Brincar e dançar !

E eu, só a resar
A minha oração.

(Desce á scena).

Meu bom S. João,
Tu que estás no céo,
Livra-me do véo
E da profissão.

Meu pai quer-me freira,
Freira não serei;
Minha alma já dei
Em qu'elle não queira.

Eu te amo, meu Deus !
Da vida os momentos,
Os meus pensamentos,
Bem sabes, são teus !

Mas o coração,
Esse me fugiu,
De mim se partiu ;
Já não é meu ; não !

(Senta-so e fica pensativa).

Scena III.

IGNEZ E CARLOS.

Carlos entra sem ser percebido, e vê Ignez pensativa e com as mãos juntas.

Duetto.

CARLOS.

Ella resa; a sua prece
E' todo o seu pensamento;

E mal sabe em que tormento
A minha alma desfallece.

Quer fugir-me! Não me ama,
Para sempre a vou perder!
O que me resta?... O dever;
Soldado, a patria te chama.

(Aproxima-se de Ignez e contempla-a com enlevo).

Ah! quando de Deus o véo
Te roubar ao meu amor,
Serás, graciosa flôr,
A minha estrella no céo.

(A menina ergue os olhos e, vendo Carlos, assusta-se).

IGNEZ.

Ah! meu primol..

CARLOS.

Ignez !..

IGNEZ.

Tão cedo voltou..?
A festa acabou ?

CARLOS.

Não: mas desta vez
Não lhe acho prazer.

IGNEZ.

Porque ?

CARLOS.

Sou soldado;
Tenho outro cuidado,
Vou talvez morrer.

IGNEZ.

(Supplicante).

Carlos, se me estima,
Não me falle assim !

CARLOS.

(Com ironia).

No convento, prima,
Resará por mim.

IGNEZ.

Ah ! por compaixão
Mude de tenção!

CARLOS.

Não, não; eu jurei,
Soldado serei.

IGNEZ.

(*Despeitada*).

Eu, freira professa:
Serei abbadessa.

CARLOS.

Corro ao campo da victoria,
Vou a patria defender;
O soldado que ama a gloria,
Deve por ella morrer.

IGNEZ.

Corro ao claustro, á solidão,
Minha alma á Deus off'recer;
Quem ama a religião
Deve á ella pertencer.

CARLOS E IGNEZ.

Adeus, sereno ribeiro,
Adeus, campo onde nasci,
Meu bello tamarineiro,
Vou viver longe de ti.

Adeus, meus alegres dias,
Adeus, flôres que plantei,
Aguas, céo que me sorrias,
Adeus, tudo quanto amei!

CARLOS.

Adeus,
Oh ! amores meus,
Que vou combater
Pelo rei, por Deus
Vencer ou morrer.

IGNEZ.

Adeus,
Oh ! amores meus,
Que vou pertencer
Ao senhor meu Deus,
Por elle viver.

Scena IV.

IGNEZ, CARLOS E ANDRÉ.

(André entra cantando).

Tercetto e coros.

ANDRÉ.

Que bella função !
Ūa soberba ceia,
Barriga bem cheia,
Viva S. João !

CORO DE CAIPIRAS.

(Ao longe).

Viva S. João
Santo folgasão.

IGNEZ.

(A parte).

Se traz-lhe a funcção
Uma indigestão !

CARLOS.

(A parte).

Oh ! que comilão !
Oh ! forte glotão !

ANDRÉ.

Que bella funcção !
Tanto inhame assado,
Bolos com melado,
Viva S. João!

CORO DE CAIPIRAS,

(Ao longe).

Viva S. João
Santo folgasão !

IGNEZ.

(*A parte*).

Se traz-lhe a funcção
Uma indigestão!

CARLOS.

(*A parte*).

Oh! que comilão
Oh! forte glotão!

ANDRÉ.

Que bella funcção!
Tiros e foguetes,
Cangica e roletes,
Viva S. João!

CORO DE CAPIRAS.

(*Ao longe*).

Viva S. João
Santo folgasão!

IGNEZ.

(*A parte*).

Se traz-lhe a funcção
Uma indigestão.

CARLOS.

(*A parte*).

Oh! que comilão
Oh! forte glotão!

(Carlos e Ignez chegam-se a André e querem falar-lhe ao mesmo tempo; puxam-lhe ora por um braço, ora por outro).

CARLOS.

(*A' direita*).

Ah ! Meu tio!

IGNEZ.

(*A' esquerda*).

Meu pai !

CARLOS.

Pretendo partir.

IGNEZ.

Quero vos pedir...
Por Deus escutai !

CARLOS.

Quando amanhecer...

IGNEZ.

Já neste momento...

CARLOS.

Soldado vou ser...

IGNEZ.

Mandai-me ao convento.

CARLOS.

Ah ! Meu tio !

IGNEZ.

Meu pai !

CARLOS.

Em vou combater.

IGNEZ.

Freira quero ser...
Por Deus, escutai !

ANDRÉ.

(Interrompendo-os).

Com a bréca !
Forte sécca !

Pelo grande Santo André,
Meu divino padroeiro,
Entendam-se por quem é:
Falle um de vocês primeiro.

Um me puxa d'aqui,
Outro puxa dalli ;
Um me grita de cá,
Outro escute de lá !

CARLOS.

IGNEZ.

Oh ! meu tio !... Meu pai !
Desejo partir
.....	Quero vos pedir....
Por Deus, escutai !	Por Deus, escutai !
Ao amanhecer....
.....	Já neste momento .
Soldado vou ser...
.....	Mandai-me ao convento
Oh! Meu tio !.... Meu pai !
Eu vou combater
.....	Freira quero ser,
Por Deus, escutai !	Por Deus, escutai !

ANDRÉ.

(Arremedando).

Oh! Meu tio! Meu pai !
Desejo partir...

Quero vos pedir...
Por Deus, escutai!

Quando amanhecer...
Já neste momento ..
Soldado vou ser...
Mandai-me ao convento.

Oh! Meu tio! Meu pai!
Eu vou combater...
Freira quero ser...
Por Deus, escutai.

(*Pausa*).

Cada um por sua vez
Falle claro e compassado;
Vem cá, filha, minha Iñez;
Falle, senhor estouvado.

(*A Iñez*).

Vem cá.

(*A Carlos*).

Vem cá.
Ponham isto já
Em trocos miudos.

(*Pausa*).

Então ficam mudos?

CARLOS.

(*A parte*).

Oh ! Ella se cala !

IGNEZ.

(*A parte*).

Oh ! elle não falla !

CARLOS.

(*A parte*).

Se arrenderia !

IGNEZ.

(*A parte*).

Meu Deus ! mudaria !...
Pois eu não ! Não mudo.

CARLOS.

(*A parte*).

Eu não me arrependo.

(*Dá um passo*).

IGNEZ.

(*A parte*).

Ahl vai dizer tudo !

CARLOS.

(*A parte*).

Como estou soffrendo!

AVDRÉ.

Não tugem.
Nem mugem.

IGNEZ.

(*A parte*). (*Alto*).

Vamos ! Animo ! . . Meu pai,
Uma graça só vos peço;
Ao convento me mandai;
Com prazer vos obedeco.

CARLOS.

Meu tio e Sr. André,
Uma graça só vos peço;
Dai-me espada e boldrié,
Sou valente; eu o mereço.

ANDRÉ.

Bravo ! bravo ! meus meninos,
Eu vos dou minha benção;
Seguireis vossos destinos,
Tal era minha tenção.

(*A Carlos.*)

Serás soldado.

(*A Iñez.*)

Terás o véo.

IGNEZ,

(*A parte.*)

Oh ! Malfadado !

CARLOS.

(*A parte.*)

M'a rouba o céo !

ANDRÉ.

Ai ! que bella vida !
Sósinho comendo,
Boa pinga bebendo,
Livre e descansado,
Sem outro cuidado !

CARLOS.

Oh ! Que bella vida !
Valente soldado
Com a espada ao lado,
No largo do Paço
Uma guarda faço.

IGNEZ.

Ah ! Que bella vida !
Noiva do senhor,
Cheia de puro amor,
São alegres sonhos
Meus dias risonhos

ANDRÉ.

(*A parte*).

Oh ! Que triste vida !
Illusão perdida!
Sósinho comendo,
Sósinho bebendo;
Fico solitario
Qual celibatario !
Pensando
Lembrando,
Os tempos que ali
(*Apona a casa*),
Com elles vivi !

CARLOS.

(*A parte*).

Oh ! Que triste vida !
Illusão perdida !
Misero soldado
Com a espada ao lado,
No largo do Paço
Longas horas passo !
Pensando,
Lembrando,
Os tempos que ali
(*Aponta a casa*)
Com ella vivi !

IGNEZ.

(*A parte*).

Ah ! Que triste vida !
Illusão perdida !
Freira do Senhor,
Viuva de amor ;
São pallidos sonhos
Meus dias tristonhos !
Pensando,
Lembrando,
Os tempos que ali
(*Aponta a casa*).
Com elle vivi !

Scena V.

JOANNA (*só*).

Aria.

(Joanna entra lentamente, logo que a scena fica deserta).

JOANNA.

E' perto de meia noite;
As estrellas já se apagam;
Os máos espiritos vagam,
E não sei onde me acoite.

Ah! quantos neste momento.
Esperam sua boa sorte;
Mas o meu padecimento
Só espera pela morte.

(*senta-se*).

Scena VI.

IGNEZ E JOANNA.

Duetto.

(Ignez apparece no alpendre procurando).

IGNEZ.

Pareceu-me ouvir alguém !...
Ah ! Uma pobre mulher,
Coitada, nem capa tem!..

(*Adianta-se*),

Boa velhinha, o que quer ?

JOANNA.

Nada, formosa menina,
Do mundo nada desejo.

IGNEZ.

Perdõe; mas no rosto vejo,
Que soffre, que se amofina.

JOANNA.

Sinto fome; sinto frio,
Não tenho um abrigo, filha;
Pedi pão, ninguem me ouviu;
Me chamam de maltrapilha.

Os ricos do seu jantar
Não me dão nem as migalhas;
Não me deixam repousar
Nem mesmo em cima das palhas.

IGNEZ.

Coitadal Venha comigo,
Aqui terá um abrigo.

(Aponta para a casa).

Aquelle tecto não cobre
Riquezas nem abastança;
Mas o desgraçado, o pobre
Alli entra, alli descança.

Aquella porta não guarda
Senão a nossa humildade;
Mas ao passante, que tarda,
Não nega hospitalidade.

JOANNA.

Acho emfim um seio amigo,
Terei aqui um abrigo.

(Aponta para a casa).

Aquelle tecto não cobre
Riquezas nem abastança;
Mas no coração do pobre
Alli vive a esperança.

Aquella porta não guarda
Senão a santa humildade;
Mas ah!... por ella não tarda
Que não entre a f'licidade.

(Entram na casa).

FIM DO PRIMEIRO ACTO,

ACTO SEGUNDO.

Scena primeira.

(A scena fica um momento deserta. Entra Carlos, que vac á janella e deita um ramo de flor).

CARLOS.

Romance.

(*Na janella*).

Venho pela ultima vez
Saudar meus tristes amores,
Deixar aos teus pés, Ignez,
A minha alma nestas flores.

Cabaleta.

A florzinha amanhã seccará
Porque d'haste gentil a cortaram:
Minha vida tambem murchará,
Que minh'alma teus olhos levaram.

Nunca mais te verei: vou partir:
Mas de longe, talvez, um respiro,
Teme sopro de brisa á fugir,
Te bafeje: será meu suspiro.

Scena II.

ANDRÊ E CARLOS.

(André sahe de casa pensativo).

Duo comico.

ANDRÊ.

(*Do lado opposto*).

'Stá me dando seu cuidado
Essa teima dos pequenos:
Um embirra em ser soldado
Outra freira, nada menos!

CARLOS.

(*Vendo André*).

Ai ! o tio !... E esta agora !
Se me pilha aqui mettido,
Deita-me de casa fóra:
Fico pr'a sempre perdido !

ANDRÉ.

(Pensativo, sem ver Carlos).

Vous depressa aconselhar-me !
Frei João de Amor Divino
Desta alhada ha de tirar-me
E' homem de grande tino!

Muito bem,
Corro e já.

CARLOS.

(Assustado).

Elle vem
Para cá !

ANDRÉ.

(Estremece ouvindo rumor).

Heim!... Ouvi !

CARLOS.

Me sentiu !

ANDRÉ.

Me illudi !

CARLOS.

Não me viu !

ANDRÉ.

Corro e já
Sem demora.

CARLOS.

Vem p'ra cá;
E' agora.

(Os dous adiantam-se: Carlos para fugir, André para saber: esbarram-se no meio da scena e recuam soltando um grito).

ANDRÉ.

(*Tremendo*).

Jesus, Maria, José;
Nem me posso ter em pé!

CARLOS.

(*Rindo*).

Qua ! qua ! qua ! O tio André
Nem se póde ter em pé !

ANDRÉ.

(*Tremendo*).

Ai !... Pelo signal,
Da... da Santa Cruz;
Livrai-me Jesus
De... de todo o mal.

Ai !... Ave Maria
Tão cheia de graça;
Ai !... Valei-me um dia,
E nesta desgraça.

Ui ! meu Padre nosso
Que no céo estais...
Ah ! que já não posso !...
Bemdito sejais !

Ai ! Salve Rainha
Nesta benta hora,
Advogada minha,
Valei-me, Senhora.

CARLOS.

(*Rindo*).

Fez pelo signal...
Sim ! da Santa Cruz;
Grita por Jesus
Que o livre do mal.

Resa Ave Maria
O velho barbaça;
Ha quem não se ria
D'uma tal desgraça !

Temes Padre nosso,
Bemdito sejais !
Ai ! que já não posso,
Não ! não posso mais.

Oh ! Salve Rainha !...
Deita hoje p'ra fóra
Toda a ladainha !...
O que falta agora ?

(André e Carlos cantam as coplas acima alternadamente).

ANDRÉ.

(*Tomando coragem*).

Se és uma alma d'outro mundo
Qu'andas por aqui penando;
Pela cruz benta te mando
Que voltes já ao profundo.

CARLOS.

(*Pensa*).

Oh ! que idéa ! Vou m'escapar !
— « E's da gula peccador...
Morrerás como um tambor...
Mas hoje podes passar. »—

ANDRÉ.

Senhora do Livramento,
Livrai-me desta desgraça !

CARLOS.

Vamos ! Obedece ! passa !
Isto já, neste momento !

ANDRÉ.

Lá vou !

(Sabe correndo).

Scena III.

CARLOS (so).

CARLOS.

Passou !

(*Respira*).

Apre ! eu mesmo inda não sei
Como desta me safei !

Cabaleta.

Se não me valesse o medo
Que ao tio virou a bola,
Que barulhada, que enredo,
Faria o velho caróla !

E se elle volta outra vez
Já não ha quem me proteja;

(*Olhando para o terraço*).

Mas ai, que ahi chega Ignez,
Não quero que ella me veja.

(*Esconde-se á direita*).

Scena IV.

JOANNA *depois* IGNEZ.

(*Ouve-se rumor da festa e uma salva*).

JOANNA (*só*).

Aria.

Como é triste, meu Deus, o écho ouvir-se
Dos prazeres festivos, da alegria,
Quando a alma deste mundo a despedir-se
Só vive para a dôr, lenta agonia.

Lá festejam S. João,
Tambem eu já festejei
Quando tinha um coração,
Quando fui moça e amei.
Ah ! que tempos já lá vão !

Scena V.

JOANNA, IGNEZ e depois CARLOS.

Tercetto.

IGNEZ.

Eram bem lindas então
As festas que se faziam ?
Os moços nessa funcção
A's moças o que diziam ?
Em casamento as pediam ?

CARLOS.

(*A parte*).

Que tal ! Para uma freira
'Stá muito perguntadeira.

JOANNA.

Oh! Quando chegava o dia,
Logo cedo me enfeitava;
Que doce e santa alegria !
Com que prazer não brincava,
E a sorte não esperava !

CARLOS.

(*A parte*).

Ai ! Como está derretida
Esta velha delambida.

IGNEZ.

A sorte?... De que maneira?

JOANNA.

Inda me lembro; era assim:
Uma velha feiticeira
Da festa quasi no fim
Dizia ás outras e á mim:

Canção.

« Filha, á meia noite irás
Sósinha lá no jardim;
De joelhos colherás
Um raminho de alecrim.

« Plantarás mesmo ao relento.
Se o raminho florescer,
Conseguirás teu intento;
E feliz terás de ser.

« A's vezes vem um anjinho
Bafejar a linda flôr;
Elle te dirá baixinho:
—Deus proteje o teu amor. »

IGNEZ.

E succedia tal qual
A feiticeira dizia?

18630

18630

JOANNA.

Fôsse bem, ou fôsse mal,
Por força que succedia.

Duetto.

CARLOS.

(A parte).

Oh ! meu Deus ! Qu'inspiração !
-Se eu consultasse S. João ?

IGNEZ.

(A parte).

Oh ! Meu Deus ! Qu'inspiração !
Me palpita o coração.

CARLOS.

A' meia noite eu irei
Sósinho lá no jardim;
De joelhos colherei
Um raminho de alecrim.

Plantarei mesmo ao relento.
Se o raminho florescer,
Conseguirei meu intento,
Ignez minha tem de ser.

15630 D
1976



Do céo virá um anginho
Bafejar a linda flor;
Elle me dirá baixinho:
— Deus proteje o teu amor. —

IGNEZ.

A' meia noite eu irei
Sósinha lá no jardim;
De joelhos colherei
Um raminho de alecrim.
Plantarei mesmo ao relento.
Se o raminho florescer,
Conseguirei meu intento,
De meu primo eu hei de ser.

Do céo virá um anginho
Bafejar a linda flôr;
Elle me dirá baixinho:
— Deus protege o teu amor. —

CORO.

(*Ao longe*).

E' já meia noite dada;
E' a hora bemfadada !

CARLOS E IGNEZ.

E' já meia noite dada
E' a hora desejada !

(*Sahem furtivamente cada um do seu lado, sem se verem e entram no jardim*).

Scena VI.

JOANNA (*só*).

(Ergue-se e vai a sair).

Romance.

Vós, que pagais pelo pobre
A esmola da caridade,
A quem este tecto cobre,
Dai, meu Deus, felicidade.

Vou além, breve morrer,
Longe de um olhar amigo;
Mas não quero entristecer
Da paz este doce abrigo.

(*Sale*).

Scena VII.

IGNEZ E CARLOS.

(*Entram no jardim sem se verem, trazendo cada um delles um raminho de alecrim*).

Duetto.

IGNEZ E CARLOS.

Florirás? Não florirás,
Meu raminho de alecrim?

E boa sorte me darás ?
O coração diz que sim.

Linda, feiticeira flôr,
Flôr deste meu coração !
A's fallas do meu amor
Oh ! não me respondas— não.

Deus te fade, bembfadada,
Gentil e mimosa palma,
Que vicejes á alvorada,
Flôr querida de minha alma.

(Sobem á scena e vão plantar o ramo de alecrim
no mesmo vaso que está sobre o pilar do alpendre.
Suas mãos se tocam; recuam assustados.)

IGNEZ.

(*A parte*).

Ah ! meu Deus ! O que seria !...
Que susto que me causou !

CARLOS.

(*A parte*).

Oh ! pareceu-me que via
Um vulto que me tocou !

IGNEZ.

(*A parte*).

Sim! Eu senti... outra mão
A minha mão apertou !

CARLOS.

(*A parte*).

Não, não foi uma illusão!
A vista não me enganou !...
(Ficam pensativos).

IGNEZ E CARLOS.

(*A parte*).

Ah! já me lembro!.. sim... sim!
A velha fallou assim:
« As vezes vem um anginho
Bafejar a linda flor;
Elle te dirá baixinho:
— Deus protege o teu amor. »

IGNEZ.

Sim ! Foi o anginho de Deus
Que meu rosto bafejou;
E que nos dedinhos seus
A minha mão apertou.

CARLOS.

Sim! foi o anginho de Deus
Que meu rosto bafejou;
Foram os dedinhos seus
Que minha mão apertou.

IGNEZ E CARLOS.

(Descem).

Meu bom anginho,
Vou te pedir
Que o meu raminho
Faças florir !

E com a flôr
Que vai se abrir,
O meu amor
Veja sorrir.

(Chegam-se de novo ao vaso para plantar o alecrim)

IGNEZ.

(A parte).

Ah! Sinto-o junto de mim!
Me cerra a mão outra vez!

CARLOS.

(*A parte*).

Que mãosinha de alfinim!
Ah! se fósse a mão de Ignez...

IGNEZ.

(*A parte*).

Se eu lhe fallasse...

CARLOS.

(*A parte*).

Se eu a abraçasse...

IGNEZ.

(*A parte*).

Se eu lhe contasse...

CARLOS.

(*A parte*).

Se eu a beijasse...

CARLOS.

Sim! foi o anginho de Deus
Que meu rosto bafejou;
Foram os dedinhos seus
Que minha mão apertou.

IGNEZ E CARLOS.

(Descem).

Meu bom anginho,
Vou te pedir
Que o meu raminho
Faças florir !

E com a flôr
Que vai se abrir,
O meu amor
Veja sorrir.

(Chegam-se de novo ao vaso para plantar o alecrim)

IGNEZ.

(A parte).

Ah! Sinto-o junto de mim!
Me cerra a mão outra vez!

CARLOS.

(*A parte*).

Que mãosinha de alfinim!
Ahl se fósse a mão de Ignez...

IGNEZ.

(*A parte*).

Se eu lhe fallasse...

CARLOS.

(*A parte*).

Se eu a abraçasse...

IGNEZ.

(*A parte*).

Se eu lhe contasse...

CARLOS.

(*A parte*).

Se eu a beijasse...

IGNEZ.

(*A parte*).

Talvez cumprisse
O meu desejo.

CARLOS.

(*A parte*).

Talvez sorrisse
Com o meu beijo.

IGNEZ.

(*A parte*).

Vou lhe fallar,
Já não hesito.

CARLOS.

(*A parte*).

Devo-a beijar.
Lá vai ! está dito !

(*Approximam os rostos, Ignez que vai beijar Carlos
na face o beijo de Carlos e fica tremula e vermelha.*)

IGNEZ.

Ai ! deu-me um beijo !

CARLOS.

Meu Deus ! Que vejo !

IGNEZ.

Ah! Carlos!

CARLOS.

Ignez !

IGNEZ.

Meu primo!

CARLOS.

A olhal-a nem me animo !

(*Pausa*).

IGNEZ.

(*Confusa*).

Vinha tambem ao jardim
Plantar o seu alecrim?

CARLOS.

(*Tomando-lhe a mão*).

Sim, meu anginho,
Vim te pedir
Que o meu raminho
Faças florir.

E com a flôr
Que vai se abrir,
O meu amor
Veja sorrir.

IGNEZ.

Não sou anginho
P'ra me pedir
Que o seu raminho
Faça florir.

Mas com a flôr
Que vai se abrir,
O nosso amor
Vejo sorrir.

(Repetem o duetto. André entra e ouvindo-os ap
proxima-se ; vê os dois que se abraçam).

Scena VIII.

IGNEZ, CARLOS E ANDRÉ.

Tercetto.

ANDRÉ.

(Chegando-se).

Olé! 'stá bonital
Ande lál Repital!...

IGNEZ.

(Assustada).

Ah! Meu pai...

CARLOS.

(Assustado).

Meu tio !

IGNEZ.

(Tremula á parte).

Meu Deus!

CARLOS.

(Confuso, á parte).

Estou frio !

ANDRÉ.

Quem viu um soldado
Assim namorado ?..
Quem viu uma freira
Tão namoradeira ?

CARLOS.

Ahl Meu tio!.. perdão!
Dava á patria a vida,
Mas o coração
E' de Ignez querida.

IGNEZ.

Ahl meu pai!... perdão!
Sua filha querida
Deu-lhe o coração,
Deu-lhe mais que a vida.

CARLOS.

Era só por ella
Que eu queria morrer;
Sem a minha estrella
Não podia viver.

IGNEZ.

Era só por elle
Que eu queria o véo;
Se não fósse delle,
Seria só do céo.

ANDRÉ.

Bem diz Frei João
Que é espertalho:

« Memina que resa
A todo o momento;
Qu'anda sempre lêsa,
E pensa em convento;
Não sabe o que quer
A sonsa mulher?
Quer só casamento. »

Bem diz Frei João
Que é espertalhão;
« Rapaz que só trata
De ser militar;
Que só tem bravata,
E vive a brigar;
Não sabe o que quer?
Quer achar mulher
Para se casar. »

CARLOS.

Ah! meu tio!.. perdão,
Era só por ella, etc.

IGNEZ.

Ah! meu pai!.. perdão,
Era só por elle, etc.

ANDRÉ.

Já sei! Já ouvi!
Estão de namoro!

Oh! tudo entendi...

E' um desaforo!

(Pausa. Carlos e Ignez estão cabisbaixos).

Mas no fim de contas

Melhor é casar:

Cabecinhas tontas

Sempre andam no ar.

IGNEZ

(*Rondo*).

O coração me palpita

Meu pai consente, elle o diz,

O susto minha alma agita

Tenho pejo do que fiz;

Mas o pejo amor sopita,

Quanto me sinto feliz!

(Alegria de Carlos e Ignez que abraçam André).

Scena IX.

OS MESMOS, FAMILIAS *que voltam da festa.*

COBO.

(*Entrando*).

Lá morrem as fogueiras,

A cinza já não arde:

Alegres companheiras,

Vamos! vamos! que é tarde.

Acabou toda a festa,
Adeus, meu S. João!
Agora só nos resta
Das sortes o condão.

Fugiu-nos o prazer
A' cidade tornamos;
Já vai amanhecer,
Meus amigos partamos!

IGNEZ.

(*Rondo*).

O meu amor
Era uma flôr
Do coração
Inda em botão;
Veio S. João
E a fez abrir,
E a fez sorrir
E se expandir.

CORO.

E sorrir,
E florir.

IGNEZ.

Era minh'alma
Qual uma palma
Da oração
Na isenção;

Veio S. João
E a fez abrir,
E a fez sorrir
E se expandir.

CORO.

E sorrir,
E florir.

IGNEZ.

Meu coração
Era um botão
De linda flôr,
Porém sem côr;
Veio o amor
E o fez abrir,
Se colorir,
E se expandir.

CORO.

E sorrir,
E florir.

ANDRÉ E CARLOS.

E sorrir,
E florir.

CORO.

(Sahindo).

Lá morrem as fogueiras,
A cinza já nem arde;
Alegres companheiras,
Vamos! vamos! que é tarde.

FIM.

TYP. DE PAULA BRITO—1860.
